



PARCERIA COLABORATIVA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS UTILIZADAS DURANTE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

LEITE, Dayane Vieira¹
SILVA, Leila Nascimento da²

GT 9 – Educação Especial e Inclusão de Pessoas com Deficiência.

RESUMO

A alfabetização é uma etapa fundamental na vida de todos os estudantes, incluindo aqueles com deficiência, visto que por vezes esse direito lhe é negado por diversos fatores, entretanto pensarmos em práticas de alfabetização que envolve um trabalho de parceria colaborativa torna-se relevante na garantia da inclusão e desenvolvimento desses alunos. Desse modo, essa pesquisa teve uma abordagem qualitativa, a qual foi realizada uma pesquisa-ação, na qual participaram: uma professora regente; uma professora de apoio e um estudante com autismo de uma escola municipal do agreste meridional. Como resultados pudemos perceber que houve um avanço significativo na aprendizagem do estudante acerca do sistema de escrita alfabética, da temática. Também resultou em trocas de experiências e conhecimentos com as participantes que reforçaram a importância do trabalho colaborativo na garantia do direito do estudante de ser alfabetizado.

Palavras-chave: Autismo. Alfabetização. Pesquisa-ação; Estratégias Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização é um direito essencial na vida de todos os sujeitos, sendo ele também uma das etapas mais importantes para a promoção da inclusão social e educacional. Entretanto, quando se trata de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), esse processo acaba demandando não somente atenção às singularidades que vão além das práticas pedagógicas, como também requer um olhar atento para as demandas de aprendizagem de cada estudante, assim como as diferentes formas de aprender e se expressar que possuem, para que assim seja possível criar estratégias, recursos e desenvolver práticas pedagógicas que possam contribuir com esse processo de maneira inclusiva, acessível e adaptada.

Diante desse contexto, o trabalho envolvendo a parceria colaborativa surge como um instrumento potente para o desenvolvimento de práticas eficazes e significativas, que possibilita a diminuição de barreiras durante o processo de ensino e aprendizagem de tais estudantes. Assim, com base na relevância dessa temática, este trabalho consiste em um recorte de uma pesquisa de conclusão de curso que busca responder ao seguinte questionamento:

¹ Universidade Federal de Alagoas. Email: vdayane30@gmail.com

² Universidade Federal do Agreste de Pernambuco. Email :leila.nascimento@ufape.edu.br





Como a parceria colaborativa pode contribuir com o processo de alfabetização de um estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA), mediante práticas pedagógicas e recursos adaptados? Portanto, no próximo tópico será apresentado os objetivos desta pesquisa.

OBJETIVOS

Assim, essa pesquisa tem como objetivo geral: Analisar como a parceria colaborativa pode contribuir com o processo de alfabetização de um estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA), mediante estratégias pedagógicas e recursos adaptados. Tendo como objetivos específicos: a) verificar os resultados das práticas pedagógicas colaborativas na aprendizagem do estudante com autismo e b) Refletir sobre as potencialidades da parceria colaborativa na promoção de um ensino inclusivo e adaptado às necessidades do estudante.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É fundamental que os professores alfabetizadores compreendam o papel que ocupa no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes com autismo, pois de acordo com Soares (2020), toda criança pode aprender a ler e escrever, entretanto, sabemos que para que isso aconteça é necessário que lhes sejam dadas oportunidades e condições adequadas para tal.

Porém, ressaltamos que mesmo assim, temos plena consciência de que há estudantes que devido ao seu elevado nível de suporte de autismo, e as condições e contextos sociais nos quais estão inseridos, mesmo que a escola tente oportunizar esse processo de alfabetização, as dificuldades para que essas crianças aprendam a ler e escrever podem ser muito grandes, e acontecer delas não conseguirem.

Entretanto, é importante que os professores alfabetizadores entendam que a alfabetização antes de tudo, é um direito de todos os estudantes vivenciarem, independente de ter ou não deficiência, e ele precisa ser vivenciado, de forma digna e significativa, respeitando as especificidades e singularidades de cada estudante.

Assim, percebemos que desenvolvermos práticas de alfabetização não somente individuais, mas também realizadas em parcerias, assim como,

[...] pesquisar colaborativamente envolve a necessidade de compreender que, para mudar a teoria, a política e a cultura escolar, é necessário optar pelo desafio





de co-produzir conhecimentos com os professores, aproximando o mundo da pesquisa ao ato da prática (Ibiapina, 2008, p. 113).

Por esse motivo, ressaltamos que o trabalho realizado em parceria colaborativa possibilita que os envolvidos possam ter trocas de conhecimentos, experiências, e possam atuar de forma ativa em prol do mesmo objetivo. E sabemos que quando se trata da área da educação especial na perspectiva da inclusão, esse trabalho torna-se ainda mais relevante e necessário, visto que muitas vezes ele é desenvolvido de maneira isolada pelos profissionais, que não encontram o suporte que necessitam. Esse isolamento é algo que é externalizado não somente pelos profissionais da área, como também pelas pessoas com deficiência que muitas vezes vivenciam situações de isolamento, solidão e invisibilização dentro e fora do âmbito escolar. Sendo assim, no tópico seguinte será apresentado os procedimentos realizados para a efetivação de uma pesquisa que teve como base a colaboração em prol de contribuir com o processo de alfabetização de um estudante com autismo.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS

A pesquisa realizada teve uma abordagem qualitativa (Minayo, 2001), a qual foi realizada uma pesquisa-ação que de acordo com Thiollent (1986) além de ser de caráter social, ela busca contribuir para a melhora e/ou transformação da realidade a qual está sendo pesquisada. Para que pudéssemos coletar os dados utilizamos como técnicas a intervenção pedagógica (Almeida e Silva, 2014) e a observação reflexiva (Kolb, 1984) em 5 (Cinco) aulas.

Sendo assim, a pesquisa teve como *lôcus* uma escola municipal do Agreste Meridional e teve como participantes: um estudante com autismo (que mesmo estando no 4º ano do ensino fundamental - anos iniciais, ainda não era alfabetizado); uma professora regente; e uma professora de apoio. Assim, em nossos procedimentos metodológicos fizemos observações do tipo participante e a aplicação de uma sequência didática. Mediante a isso, além de preservarmos a identidade dos participantes, salientamos que as professoras participantes também assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que a pesquisa fosse conduzida de forma ética e que não trouxesse prejuízos para os envolvidos.

RESULTADOS



Segundo Thiollent (1986), a parceria estabelecida com os participantes da pesquisa é fundamental para que possa ser possível buscar alternativas para resolver o problema o qual está sendo pesquisado, sendo a colaboração uma das principais características desse tipo de pesquisa. Dessa forma pudemos observar que, ao longo da realização da pesquisa, as participantes tiveram um papel fundamental na colaboração com práticas, sugestões e reflexões críticas com a finalidade de contribuir com a alfabetização do estudante.

Com isso, foi realizado em conjunto, uma sequência didática composta por duas etapas tendo como base as necessidades de aprendizagens e o hiperfoco do aluno que era nos animais. Na primeira etapa, buscamos desenvolver a consciência fonológica por meio de 11 (onze) atividades de alfabetização, envolvendo as áreas de ciências e língua portuguesa.

O primeiro passo da aplicação foi identificarmos em qual nível de hipótese de leitura e escrita o estudante estava para que assim pudéssemos desenvolver atividades direcionadas a sua necessidade de aprendizagem. Assim, ao realizarmos uma atividade diagnóstica, percebemos que ele era silábico quantitativo, ou seja, já conseguia fazer a notação da segmentação silábica, mas ainda não conseguia identificar as letras que as representavam. Portanto, as atividades que produzimos focavam na identificação e segmentação silábica, rimas, por meio de imagens de forma contextualizada com as disciplinas. Como mostra a figura 1:

Figura 1 – Atividade de segmentação e identificação silábica



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

A estratégia dos recursos visuais adaptados que utilizamos foi essencial, pois o estudante pôde compreender o conteúdo de maneira concreta, favorecendo assim o seu interesse e participação ativa nas atividades. Para Barreto (2021, p.53),

O aluno com (TEA) precisa de um ensino direcionado que o oriente a expressar seu pensamento e sua emancipação. As atividades devem estar voltadas para a ludicidade e interação para que o ensino não se torne “cansativo”, “chato” e “decoreba”. As metodologias apresentadas, pelo professor, em sala de aula devem estimular a criatividade e a participação do aluno autista (Barreto, 2021, p. 53).

Percebemos com isso que é muito importante que os professores conheçam os gostos e o hiperfoco dos seus alunos com autismo para que as atividades desenvolvidas possam ser estimulantes e possibilitar que se engajem ao despertar o seu interesse.

Além disso, é importante que o professor possa levar em consideração as dificuldades, limites e potencialidades desses estudantes, pois isso possibilita a identificação de atividades que não deram certo, como o trabalho com rimas a qual pudemos perceber que o estudante teve muita dificuldade de compreender o conceito, por ser muito abstrato, apesar de ter gostado do recurso produzido, como mostra a figura 2:

Figura 2 – Roleta Silábica das Rimas



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

Diante disso, a parceria colaborativa possibilitou que pudéssemos, em conjunto, pensarmos em diferentes caminhos para trilharmos mediante esse contexto, como por exemplo o trabalho com o gênero textual “Ficha Técnica” que trouxe resultados positivos com relação a participação do estudante, como mostra a figura 3 abaixo:

Figura 3 – Ficha Técnica dos Animais



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

Diante disso, a segunda etapa da sequência teve objetivo de consolidar as habilidades desenvolvidas pelo estudante, por meio de 7 (Sete) atividades de alfabetização envolvendo as disciplinas de língua portuguesa, geografia e ciências. As atividades tinham como foco a formação de palavras, através de recursos acessíveis e adaptados, como mostra a figura 4 a seguir:

Figura 4 – Recurso das Tampinhas



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.



A proposta possibilitou que o aluno pudesse fazer o reconhecimento e a identificação das sílabas iniciais dos animais. Isso aconteceu também na atividade “Fábrica de palavra” que trabalhou com a formação de palavras, pois o estudante já conseguia refletir sobre a escrita das palavras fugindo, assim, daquele ensino memorizador e sem significância.

Figura 5 – Fábrica de Palavras



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

O estudante também pôde, ao final da sequência, socializar os seus trabalhos com toda a turma. Vale destacar que foi muito importante fazer com que o estudante se sentisse pertencente a turma, e isso ficou nítido não somente nesse momento de apresentação, mas em todos os dias de aplicação, visto que ele teve sua voz validada, demandas e dúvidas respondidas, e foi incluído desde o planejamento até a efetivação das aulas, assim, o trabalho colaborativo só favoreceu ainda mais esse processo de inclusão e aprendizagem do estudante.

Figura 6 – Socialização das atividades



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

Durante a sequência percebemos que o estudante teve um bom desenvolvimento no que se refere à participação, oralidade, interação e compreensão acerca da temática trabalhada de forma significativa, gerando, assim, ótimos resultados e possibilitando que pudéssemos compreender que a parceria colaborativa contribuiu, de forma significativa, com o processo de alfabetização de estudantes com autismo, mediante práticas pedagógicas e recursos acessíveis e adaptados de acordo com as necessidades de aprendizagens de cada estudante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS





Dessa forma percebemos que esses momentos de colaboração, parceria que tivemos com os participantes durante a realização da pesquisa-ação, foram essenciais para todos envolvidos. Percebemos que durante todo o processo, as professoras demonstraram empolgação, interesse e prontidão em contribuir com o planejamento e aplicação da sequência didática.

Além disso, puderam compartilhar com a pesquisadora suas significações e experiências práticas, e também se mostraram abertas para aprender com ela, assim como, era perceptível que elas acreditavam no trabalho que estava sendo desenvolvido e isso foi fundamental.

Pois, ambas as professoras tinham consciência da relevância dessa colaboração e parceria, entendiam que a pesquisa não era só da pesquisadora, mas era uma construção coletiva, um trabalho feito por muitas mãos, com o objetivo em comum, e compreendendo que as experiências partilhadas seriam enriquecedoras para todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. SILVA, Katia Alexandra de Godoi e. **Formação de professores a distância e as perspectivas de articulação entre teoria e prática por meio de ambientes on-line**. Dossiê– Educação a Distância. Educ. rev. (spe 4), 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.38657>. Acesso em: 08 Jul. 2025.

BARRETO, M. F. **Alfabetização e letramento de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)**. Revista Amor Mundi, 2(4), 45–56; 2021.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Líber Livro, 2008.

KOLB, D. (1984). **Experiential learning**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall.

MINAYO, M.C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 9-29.

SOARES, M. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

